

Calf Notes.com

Calf Note 181 – Manejo de colostro em fazendas de Vacas Jersey

Autor: Jim Quigley

Traduzido por: Rafael Alves de Azevedo, Sandra Gesteira Coelho e Paula Marques Tiveron

Introdução

Em uma série de três resumos apresentados na Reunião Anual Conjunta de 2014 da ADSA, ASAS e outras sociedades científicas, o Dr. Kim Morrill e colaboradores apresentaram alguns dados interessantes relacionados ao manejo de vacas Jersey e bezerros recém-nascidos Jersey. Este Calf Notes revisará o primeiro desses resumos, relacionados ao manejo do colostro em fazendas de Jersey em Nova York (NY) e Vermont (VT).

Resumo #1 – Manejo de colostro em fazendas de Jersey em Nova York e Vermont

O questionário relacionado às práticas de manejo do colostro foi enviado para 75 fazendas de Jersey em NY e VT; 38 produtores responderam a pesquisa completa. As fazendas variam de tamanho de <50 vacas (14 fazendas) a >2.000 vacas (1 fazenda). A maioria das fazendas (67% dos entrevistados) tem ≤ 100 vacas.

Os autores (Morrill, Spring e Tyler) relataram várias categorias de tamanhos de rebanho. Por uma questão de simplicidade, foram combinadas algumas categorias relatadas pelos autores. Além disso, foram omitidas algumas das perguntas para concentrar-se em algumas práticas-chave de manejo. Alguns dos principais resultados foram analisados e divididos em rebanhos Pequenos (≤ 100 vacas) ou Grandes (> 100 vacas).

Os produtores foram questionados se a qualidade do colostro era uma preocupação em suas fazendas. A figura 1 mostra que uma parcela maior de grandes produtores considera a qualidade do colostro um critério importante para a saúde do bezerro. Pequenos produtores também eram muito menos propensos a testar (ou testar adequadamente) o colostro quanto à qualidade. Apenas cinco produtores relataram usar o colostrômetro ou o refratômetro para avaliar a qualidade do colostro na fazenda (Figura 2). Considerando a importância do colostro para o recém-nascido e a enorme consistência de dados que mostra que o 1º colostro de ordenha é inerentemente variável até mesmo de vacas mais velhas, é um pouco desconcertante que tão poucos produtores não tenham tido atenção para realizar este teste simples, mas essencial, quando o colostro é coletado. Nota – os dados da pesquisa permitiram aos produtores relatar diferentes métodos de avaliação da qualidade do colostro – volume produzido, cor e consistência. No entanto, nenhum desses métodos pode

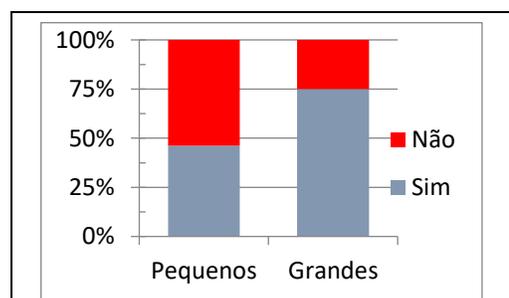


Figura 1. Porcentagem de produtores que consideram a qualidade do colostro importante.

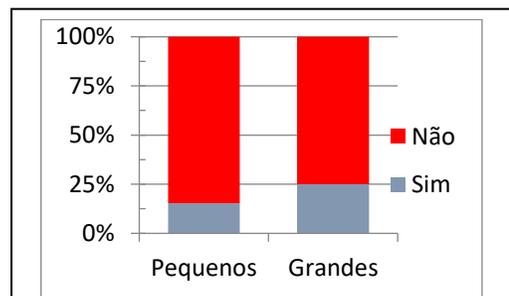


Figura 2. Porcentagem de produtores que testam o colostro adequadamente.

indicar com precisão a concentração de IgG colostrar, que é a razão mais importante para fornecer o colostro de alta qualidade.

Uma das chaves para o sucesso da transferência passiva é a ingestão de colostro cedo suficiente para maximizar a absorção de IgG ingerida. Os bezerros devem ser alimentados com colostro o mais rápido possível, mas certamente dentro de 2 horas após o nascimento (preferencialmente dentro de uma hora após o nascimento). A idade em que os produtores relatam a alimentação regular de seus bezerros está na Figura 3. Mais de 50% dos produtores (pequenos e grandes) relataram o consumo com menos de 2 horas de idade, o que está de acordo com as recomendações atuais. No entanto, apenas cerca de ¼ desses produtores rotineiramente tentaram alimentar bezerros na primeira hora de vida.

Permitir que os bezerros mamem nas mães é quase sempre uma má ideia. Bezerros deixados para amamentar na mãe geralmente consomem menos colostro, consomem mais tarde e estão predispostos a maior incidência de doenças – não apenas porque consomem menos colostro, mas eles também têm maior probabilidade de estarem expostos a um maior número de patógenos, permanecendo com a mãe (e potencialmente outras vacas se for utilizada a maternidade de grupo). Assim, poucos pesquisadores recomendam que o bezerro permaneça com a mãe por mais de alguns minutos. O risco de transmissão de doença é muito maior do que os benefícios sociais para a vaca ou o bezerro. No entanto, uma parcela significativa dos produtores de Jersey relatou permitir que o bezerro mame o colostro na mãe (Figura 4). Isto foi particularmente verdadeiro para os pequenos produtores, onde >25% deles permitiram que o bezerro alimentasse na mãe.

Onze produtores (29% dos entrevistados) relataram usar um substituto comercial de colostro. Embora não seja especificamente perguntado como parte da pesquisa, podemos deduzir dos resultados que poucos ou nenhum dos produtores usam um produto comercial como única fonte de IgG; em vez disso, esses produtos são usados principalmente para complementar o programa de colostro materno e substituir o colostro quando ele é de baixa qualidade ou não está disponível. Apenas dois produtores relataram usar *pool* de colostro. Uma pesquisa considerável sugere que, quando o colostro é misturado, a quantidade de contaminação aumenta dramaticamente e, portanto, o *pool* de colostro não é recomendado, mesmo como um meio de “padronizar” a concentração de IgG no colostro de várias vacas.

Além da qualidade do colostro, a quantidade administrada é fundamental para garantir imunidade passiva adequada. Geralmente, os bezerros devem receber pelo menos 4 litros de colostro materno nas primeiras 24 horas de vida. Mesmo os bezerros Jersey de pequeno porte se beneficiam da nutrição dos componentes imunológicos do colostro. Neste estudo, os autores relatam que cerca de 60% dos pequenos produtores fornecem <4 litros para seus bezerros. Isso foi um pouco diferente, com grandes rebanhos, onde uma grande maioria dos produtores relatou alimentar pelo menos 4 litros nas primeiras 24 horas.

Talvez a estatística mais preocupante relatada pelos autores tenha sido que apenas 1 produtor relatou a monitorização rotineira do soro para a taxa de transferência passiva. Esta pequena porcentagem ($1/38 = 2,6\%$

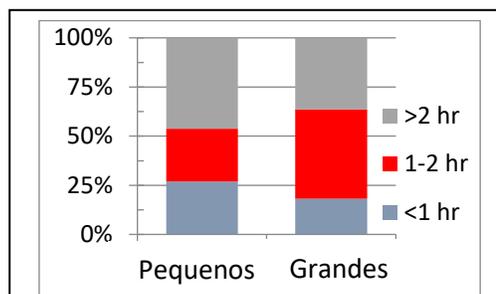


Figura 3. Porcentagem de produtores que relatam o primeiro aleitamento do colostro em várias idades.

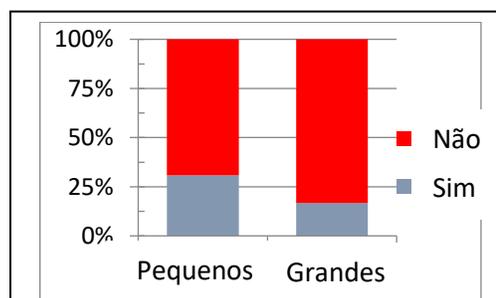


Figura 4. Porcentagem de produtores que permitem que o bezerro mame o colostro na mãe.

dos produtores) indica que (1) o processo de coleta de sangue e monitoramento de proteínas séricas totais continua sendo uma prática de manejo desafiadora e (2) os produtores precisam ser instruídos sobre a necessidade de medir e gerenciar importante ponto crítico de controle no programa geral de manejo do colostro. A ÚNICA maneira de saber se o manejo do colostro e o programa de alimentação é bem-sucedido é monitorando rotineiramente a IgG sérica ou a proteína total em bezerros após 24 horas de idade. Infelizmente, são poucos os produtores que reconhecem e se comprometem com a rotina de monitoramento.

Esta pesquisa interessante nos fornece informações importantes sobre a situação atual dos programas de colostro do Nordeste dos Estados Unidos e mostra que melhorias ainda são necessárias no manejo do colostro nas fazendas de Jersey. Os produtores aprenderam que o volume, a qualidade e o momento da alimentação do colostro são importantes, mas provavelmente precisam de mais assistência na implementação real na fazenda.

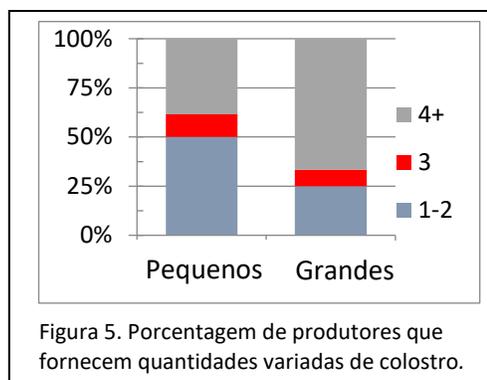


Figura 5. Porcentagem de produtores que fornecem quantidades variadas de colostro.

Referências

Morrill, K. M., M. M. Spring, and H. D. Tyler. 2014. Current colostrums management practices on Jersey farms in Vermont and New York State. *J. Dairy Sci.* Vol. 97, E-Suppl. P. 419.

Written by Dr. Jim Quigley (09 August 2014)
© 2014 by Dr. Jim Quigley
Calf Notes.com (<http://www.calfnotes.com>)